

Desvelando o cotidiano do adolescente hospitalizado

Unveiling the daily of the hospitalized adolescent

Revelando el cotidiano del adolescente hospitalizado

Inez Silva de Almeida

Enfermeira.

Mestre em Enfermagem.

Especialista em Enfermagem Intensiva e

Enfermagem Médico-cirúrgica.

Líder de Equipe da enfermaria do NESA (Núcleo

de Estudos da Saúde do Adolescente) do

HUPE/UERJ.

Benedita Maria do R. D. Rodrigues

Enfermeira, Doutora em Enfermagem, ,

Professor Titular do Departamento de

Enfermagem Materno-Infantil, Diretora da

FENF-UERJ.

Sônia Mara Faria Simões

Enfermeira, Doutora em Enfermagem,

Professor Adjunto do Departamento de

Fundamentos de Enfermagem.

RESUMO

Minha vivência na adolescência foi marcada pelo processo de hospitalização. Hoje, na condição de profissional que cuida de jovens hospitalizados, surgiram inquietações que deram origem a este estudo. O objeto da investigação foi o significado da hospitalização na adolescência, tendo como objetivo compreender este significado para o ser-adolescente-hospitalizado. Utilizou-se abordagem qualitativa à luz da fenomenologia existencial de Martin Heidegger. O cenário foi uma unidade de internação específica para adolescentes e os depoentes foram jovens hospitalizados. Este estudo permitiu compreender que o adolescente revelou-se como um ser-com e compreende-se como um ser-no-mundo lançado para a morte. A pesquisa apontou para a necessidade de efetiva implementação das políticas públicas voltadas ao adolescente hospitalizado.

Descritores: Adolescente; Adolescente hospitalizado; Hospitalização.

ABSTRACT

My experience in the adolescence was marked by the hospitalization process. Currently, as a nursing professional that take care of hospitalized young, there arose inquietudes that originated this study. The investigation object was the significance of the hospitalization in the adolescence, having as objective to understand this significance for the hospitalized adolescent. It was used the qualitative approach in the light of the Martin Heidegger's existential phenomenology. The setting was a specific internment unit for adolescents and the deponents were hospitalized young. This study made possible to understand that the adolescent unveiled himself as a being-with and understand of himself as a being – in the – world thrown to the death. The research pointed to the need of a real implementation of the public policies addressed to the hospitalized adolescent.

Descriptors: adolescent; hospitalized adolescent; hospitalization.

RESUMEN

Mis vivencias en la adolescencia fueron marcadas por el proceso de hospitalización. Hoy, en la condición de profesional que cuida de moços hospitalizados, surgieron inquietudes que dieron origen a este estudio. El objeto de la investigación fue el significado de la hospitalización en la adolescencia, tendo como objetivo comprender este significado para el ser-adolescente-hospitalizado. Se utilizo la abordaje cualitativa a luz de la fenomenología existencial de Martin Heidegger. El escenario fue una unidad de internación específica para adolescentes y los deponentes fueron joven hospitalizados. Este estudio permitió comprender que el adolescente se reveló como un ser-con y se comprende como un ser-no-mundo lanzado para la muerte. La pesquisa apuntó para la necesidad de efectiva implementación de las políticas públicas dirigidas al I adolescente hospitalizado.

Descritores: Adolescente; Adolescente hospitalizado; Hospitalización.

Almeida IS, Rodrigues BMRD, Simões SMF. Desvelando o cotidiano do adolescente hospitalizado. Rev Bras Enferm 2005 mar-abr; 58(2): 147-51.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Vivência da Hospitalização

O meu primeiro contato com a hospitalização ocorreu na adolescência quando necessitei de uma internação hospitalar. Foi um que fato marcou a minha adolescência de maneira significativa, alterou minha auto-imagem, auto-estima, e determinou o afastamento do ambiente e do contato familiar e social.

Onde fui atendida não havia unidade de internação específica para a faixa etária em que me encontrava, portanto fiquei em uma enfermaria cirúrgica para adultos. Eu me sentia muito sozinha, pois as visitas aconteciam apenas duas vezes por semana.

Minha convivência era, durante o maior período, com as pacientes adultas e em menor

abrangência com os profissionais de saúde, que se limitavam em cumprir as suas tarefas. A equipe de enfermagem e a equipe de saúde não percebiam que a assistência prestada poderia ir além das ações e procedimentos realizados e permaneciam alheios às minhas necessidades como ser adolescente hospitalizada.

Percebo hoje que faltava àqueles profissionais, com os quais convivi durante a hospitalização, a compreensão da importância de sua presença como possibilidade de favorecer meu bem estar, contribuindo assim para meu restabelecimento. Apesar do sofrimento consegui superar a experiência traumática e dei continuidade ao crescimento profissional.

A Experiência Profissional da Assistência Hospitalar

Ingressei na faculdade de enfermagem, onde pude solidificar meus conhecimentos científicos, ampliando minha visão de mundo. Após a aprovação em concurso para residência de enfermagem médico-cirúrgica fui designada para atuar na Unidade Clínica de Adolescentes.

Foi a primeira aproximação profissional com esta clientela, quando senti uma grande afinidade por aqueles jovens hospitalizados e percebi que a vivência do adoecer poderia ser minimizada, se estivesse num ambiente específico para adolescentes, sendo assistida por profissionais capacitados no atendimento a essa clientela.

Ao final da residência prestei o concurso público e fui lotada em um outro setor e somente quatro anos após pude retornar àquela enfermaria que tanto me impressionou.

Situação Estudada

Nesse setor onde atuo há oito anos e há três anos respondo pela chefia da equipe de enfermagem experienciando o relacionamento com o adolescente lançado no mundo do hospital. Testemunho diariamente no processo de hospitalização o olhar desses jovens e percebo o quanto é sofrido o distanciamento do seu universo e a penetração em um mundo novo, desconhecido, caracterizado como próprio para acolher pessoas doentes.

Tomando como base essas vivências, minhas inquietações se delinearão em uma questão norteadora: como você se sente estando hospitalizado?

O objeto de investigação foi o significado da hospitalização para o adolescente e o objetivo, compreender o significado desse processo.

Justificativa do Estudo

A adolescência e suas transformações marcam pela rapidez, tanto dos aspectos físicos, quanto comportamentais. Assumir mudanças importantes na imagem corporal, adotar valores e estilos de vida, conseguir independência dos pais e elaborar uma identidade própria são algumas tarefas dessa fase da vida⁽¹⁾. Sabendo que o adolescente sofre pelo curso natural do seu desenvolvimento, que envolve modificações complexas, quais os desdobramentos que a hospitalização poderia ter em seu existir?

Impulsionada pelo desafio de buscar respostas às minhas indagações, o Mestrado surgiu como possibilidade de olhar atentivamente esse fenômeno, assim recorri a instrumentos que auxiliassem a me apropriar de conhecimentos pertinentes ao tema. Quando recorri a literatura referente à hospitalização de adolescentes, constatei que as publicações referentes a essa clientela são recentes e escassas. A produção de conhecimentos é bastante reduzida se comparada ao quantitativo de estudos realizados em programas de pós-graduação em enfermagem. Portanto, acredito que a relevância no âmbito educativo está na condição de subsidiar a assistência, o ensino, a pesquisa e a extensão. No âmbito assistencial, a relevância se encontra na possibilidade de servir como referência para um cuidar de enfermagem diferenciado, que objetiva minimizar o impacto da hospitalização, através da assistência individualizada – aquela que

focaliza o ser como um todo indivisível que não pode ser ocultado pela doença que o aflige.

2. ADOLESCÊNCIA E HOSPITALIZAÇÃO

O Adolescer

Apesar das mudanças expressivas no perfil demográfico brasileiro, com a redução das taxas de fecundidade, com a diminuição da taxa de mortalidade infantil e com o aumento da expectativa de vida do idoso, dados do IBGE⁽²⁾ indicam que a população adolescente ainda exerce um papel significativo na constituição do país (35.000.000), justificando a importância de desenvolver estudos que ampliem o conhecimento sobre esse segmento populacional.

Adolescer significa crescer e a adolescência é o período no qual observamos como características o rápido crescimento físico e desenvolvimento psicossocial.

A adolescência é uma etapa do processo de crescimento e desenvolvimento, definida pela puberdade com o aparecimento dos caracteres sexuais secundários, aceleração e desaceleração do crescimento físico, mudanças da composição corporal, eclosão hormonal. Percebemos que a puberdade possui manifestações claras e bem definidas, já a adolescência não é tão explícita, pois marca a aquisição da imagem corporal definitiva, e também a estruturação final da personalidade.

A Hospitalização

A possibilidade de internação surgiu na Antiguidade, com o objetivo de isolar as pessoas doentes do contato com a sociedade, em lugares distantes a fim de que não representassem perigo para as outras pessoas. O hospital daquela época tinha a conotação segregacionista, por afastar do convívio social pessoas doentes, sem recursos e improdutivas, sem proporcionar-lhes a expectativa de tratamento ou cura.

O tempo foi operando mudanças na filosofia da atenção hospitalar que passa a receber o cunho da caridade, exercida como prática do Cristianismo. Hoje percebemos que a evolução histórica, sócio-econômica, tecnológica e científica transformou o trabalho hospitalar, porém o elemento mais constante dessa trajetória tem sido o homem.

A pessoa ao ser hospitalizada apresenta temores, esperanças e desejos e que a hospitalização gera sentimentos de dependência, inferioridade e insegurança, aliado ao medo do desconhecido, dos aparelhos e instrumentos hospitalares. Os pacientes hospitalizados apresentam o medo de algum acidente decorrente da terapêutica; a incerteza sobre a competência dos profissionais, o medo do ambiente hospitalar e do equipamento; o medo de sentir dor, de ser manuseado, cortado e perder o autocontrole; o medo da dependência, da morte e de dar trabalho a outros.

Analisando o cotidiano da hospitalização para o ser adolescente, compreende-se que representa uma ameaça devido à realidade da doença, o qual reage de acordo com o seu grau de maturidade⁽⁴⁾.

Armond⁽⁵⁾ ressalta que o adolescente, durante a hospitalização sofre uma regressão em seu desenvolvimento cognitivo e afetivo e quando se interna, manifesta sua fragilidade emocional através de reações de negação, fantasias e da necessidade da presença materna ou pessoa significativa – o acompanhante.

Apesar das recomendações dos adolescentes serem vistos como um grupo importante, que necessita de cuidados em unidades especializadas, ainda não existem unidades de internação específicas, pois a maioria das instituições hospitalares não possui infra-estrutura física para receber o adolescente, assim são hospitalizados em enfermarias pediátricas ou de adultos, acarretando dificuldades maiores de aceitação pois não se sentem adaptados a este cenário.

O Cuidar de Enfermagem ao Adolescente Hospitalizado

Uma das profissões que procura valorizar a filosofia do cuidar é a Enfermagem. Cuidar para a Enfermagem é nutrir a vida, é mediar o processo de satisfação do ser humano em suas necessidades de viver⁽⁶⁾. É um aspecto inerente a prática da enfermagem, que no cotidiano de cuidado aos adolescentes deve buscar respeitar a sua integralidade e suas características.

Para tanto, a atenção ao adolescente não deve ser compartimentalizada, devendo avançar da visão biologicista, tecnicista, medicalizante e excludente para o paradigma da qualidade de vida⁽⁴⁾. Ou seja, a enfermeira e sua equipe precisam conhecer e compreender a realidade do adolescente para oferecer o cuidado que favoreça o seu ser e estar no mundo, superando o adoecimento e a hospitalização, transformando limitações em possibilidades de vir-a-ser saudável.

O cuidado ao adolescente hospitalizado justifica que se deva ter além da competência profissional, a compreensão da importância de estar presente, dedicar-se e envolver-se no seu cuidado.

Percebi que há a necessidade de pautar o cuidar de enfermagem em um referencial teórico e encontrei na teoria de Paterson & Zderad⁽⁷⁾ um modelo de fundamentação para a assistência a clientela adolescente, através da prática humanística. A ideia central da prática humanística é o diálogo, que pode manifestar-se verbal ou silenciosamente valorizando a interação humana tão significativa para o ser adolescente.

3. ABORDAGEM TEÓRICO-FILOSÓFICA

A fenomenologia como Possibilidade de Investigação

Este é um estudo de natureza qualitativa, com enfoque fenomenológico. A Fenomenologia busca a descrição dos fenômenos experienciados pela consciência procurando obter o vivido e seu significado. Como o método fenomenológico "é uma tentativa de conhecer, explorar, compreender os fenômenos do mundo, sejam eles, percebidos, sentidos, falados, realizados ou pensados"⁽⁸⁾, recorri à fenomenologia ontológica de Martin Heidegger na expectativa de compreender como o adolescente vivencia sua hospitalização e o que significa este fenômeno no cotidiano de sua existência humana.

O Pensar de Martin Heidegger

Martin Heidegger (1889 - 1976) filósofo alemão, foi discípulo de Husserl, o precursor da Fenomenologia, e embora tenha se pautado nas ideias de seu mestre, imprimiu a sua própria visão ao caminhar nessa corrente filosófica. Em sua principal obra "Ser e Tempo", Heidegger inaugura linguagem inédita reagrupando numa síntese o fruto de suas reflexões. O ser é sempre ser de um ente e ente é tudo de que falamos, o que pensamos, o que somos, como somos⁽⁹⁾. O homem diferentemente dos outros entes é o único que tem consciência de si e capacidade de revelar através da palavra.

No cotidiano, as pessoas se interessam pelo ente, aquilo que aparece, que se mostra, o evidente. Em nossa cotidianidade a relação com os entes é tão evidente que seus significados não são percebidos, são apenas vividos; somente quando algo não funciona é que seu significado torna-se manifesto. Assim, no viver do adolescente o que impulsiona o seu desenvolvimento é a expectativa do viver saudável, do não hospitalizar-se, porém a possibilidade do "sim" é uma possibilidade existente, por estar lançado no mundo da vida, existe a possibilidade de habitar o mundo do hospital.

Utilizando a óptica heideggeriana, que parte da facticidade para desvendar o sentido do ser, através da cotidianidade da hospitalização, busquei compreender e interpretar o "como" se sente o adolescente, partindo do que é manifesto e desvelando o que é encoberto.

4. METODOLOGIA

Cenário do Estudo

O local para a realização deste estudo foi uma unidade de referência

em internação para adolescentes: a enfermaria de adolescentes do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente – NESA, enfermaria Aloysio Amâncio da Silva, situada no terceiro andar do hospital Universitário Pedro Ernesto.

A hospitalização dos adolescentes na enfermaria do NESA se dá a jovens de 12 a 19 anos, apresentando quadros clínicos, cirúrgicos e de investigação diagnóstica, ocorrendo uma média de 400 internações por ano.

Observa-se que as patologias de maior impacto para o adolescente são as de natureza crônica, tanto com relação à relevância na área da saúde, quanto pelo componente emocional, o que dificulta a adesão terapêutica, resultando em reinternações e por vezes até em morte.

Os Sujeitos do Estudo

Os depoentes foram 14 adolescentes hospitalizados, na faixa etária de 12 a 20 anos incompletos, de acordo com o critério de admissão a unidade de internação do NESA.

Trajatória do Estudo

Para descrever o vivido dos adolescentes frente ao processo de hospitalização, utilizei a entrevista fenomenológica, pois parte daquilo que é vivido e relatado pelo sujeito da pesquisa⁽¹⁰⁾.

A metodologia fenomenológica busca apreender a essência do fenômeno, e para tanto ele precisa ser mostrado. Esse mostrar-se deve ser espontâneo, natural, sem induções. Através de uma pergunta norteadora: "Como você se sente estando hospitalizado?", deixei que os depoimentos se exteriorizassem com neutralidade e sem interrupções. Para captar as falas sem perder os detalhes realizei a gravação em fita magnética, após a autorização dos adolescentes e seus pais ou responsáveis legais, seguindo determinação da Resolução 196/96⁽¹¹⁾.

A identidade dos entrevistados foi preservada e o anonimato garantido através da escolha de um pseudônimo (pedras preciosas e semi-preciosas).

Imediatamente após cada entrevista realizei a transcrição dos relatos, para captar a sua essência e não perder sua subjetividade. Após, busquei no conjunto de depoimentos, através da análise individual o aspecto invariante, aquele que se mantém em todo os relatos.

5. ANÁLISE COMPREENSIVA

Unidades de Significação

O mergulho nos relatos dos adolescentes hospitalizados me permitiu identificar convergências e constituir as unidades de significação. Os adolescentes expressam a hospitalização:

- a) demonstrando sua ambigüidade, pois tanto favorece o tratamento quanto impede os hábitos de vida
- b) reconhecendo a presença familiar e a interação humana como possibilidade de ajuda
- c) descrevendo o ambiente e a assistência da equipe de saúde do NESA como diferenciada
- d) revelando os sentimentos vivenciados e a fé
- e) entendendo-a como possibilidade de cuidado e recuperação
- f) manifestando a não aceitação da doença e o temor da morte

Compreensão Vaga e Mediana

- a) demonstrando sua ambigüidade, pois tanto favorece o tratamento quanto impede os hábitos de vida

Ah! Significa uma coisa muito ruim, né? Porque se a gente fica internada, podendo estar na nossa casa ... Mas é bem melhor ficar internada, do que ficar em casa sem ter recurso nenhum ... (Diamante)

Os adolescentes, em sua compreensão vaga e mediana expressam a hospitalização entendendo que favorece o tratamento. No entanto,

percebem que o evento da hospitalização promove o afastamento do convívio social, bem como impede a manutenção de seus hábitos de vida já que define a cisão do cotidiano. Afirmam que ora valorizam a hospitalização por ter como consequência o cuidado à saúde, ora demonstram insatisfação, devido à necessidade de afastarem-se da escola e das atividades sociais, apontando para a ambigüidade de seus relatos.

b) reconhecendo a presença familiar e a interação humana como possibilidade de ajuda

Porque minha tia, os meus colegas sempre me ajudaram muito (...) aqui eu fiz colegas, fico conversando... (Ágata)

Os jovens apontam em suas falas a relação humana como uma possibilidade de interação, pois percebem a presença familiar e o apoio dos amigos como uma relação terapêutica propiciando sentirem-se mais fortes. Referem também que a relação de amizade construída no ambiente hospitalar é uma relação de ajuda que favorece o compartilhar de experiências, o envolvimento, a preocupação e o cuidar do outro.

c) descrevendo o ambiente e a assistência da equipe de saúde do NESA como diferenciada

(...) sobre o pessoal daqui, eu gosto muito de todo mundo daqui. Assim, a gente está no ambiente de hospital, mas eles fazem tudo para que a gente não se sinta tanto naquele ambiente. A gente pode trazer roupa de casa, colocar... tem acompanhante para ficar junto com a gente. Porque tem outros hospitais que não tem setor para os adolescentes (...) o pessoal te dá a maior força. (Topázio)

Nas falas obteve-se que os depoentes reconhecem o ambiente e a assistência prestada como diferenciada dos outros hospitais, registrando a presença e a preocupação da equipe de saúde.

d) revelando os sentimentos vivenciados e a fé

Ah! Me sinto triste, agoniado ... e fragilizado. Às vezes eu sinto raiva, vontade de é de acabar com a minha vida mesmo (...) Mas eu sei que tem um Deus que olha por mim sempre...acredito que Ele vá me salvar, que vá me tirar desse martírio, dessa ... dessa fase difícil que eu estou passando... (Turmalina)

Os adolescentes descrevem detalhadamente os sentimentos gerados pela hospitalização como a tristeza por não estarem em casa, a raiva, a menção do desejo de auto-extermínio e a sensação de abandono e de solidão quando não tem acompanhante.

e) entendendo-a como possibilidade de cuidado e recuperação

Agora estou melhor, melhor ainda agora que eu já sei o que eu tenho... estou no segundo bloco...(Safira)

A hospitalização também pode representar uma possibilidade de melhora, a partir do cuidado, do entendimento do diagnóstico e terapêutica, sendo explicitada pelos adolescentes quando há uma certeza do tratamento a seguir.

f) manifestando a não aceitação da doença e o temor da morte

(...) Porque eu não pedi para ter essa doença e eu tenho(...) Então ... eu acho ... uma coisa difícil isso de aceitar. Eu não aceito o que eu tenho. Porque tem vezes que eu tomo os remédios direito e depois eu paro de tomar...é muito difícil aceitar isso que eu tenho, mas dizem que eu tenho de aceitar, né? Mas eu não compreendo isso, de aceitar. (Rubi)

Os adolescentes revelam o temor, a não-aceitação da doença e da hospitalização, através da descrição detalhada do seu vivido convivendo com a doença.

Hermenêutica Heideggeriana

O adolescente é um ente e esse "ente que cada um de nós somos e que possui a possibilidade de questionar é designado presença"⁽⁹⁾.

A presença, Da-sein, não significa ser humano ou humanidade, assim como não é simplesmente o ente. A pre-sença caracteriza-se pela possibilidade de manifestar-se e relacionar-se com seu próprio ser, se destacando por sua condição de ser compreendida *sendo*.

O existir do adolescente é um contexto de possibilidades, pois é um ser em desenvolvimento, um vir-a-ser, porém estas possibilidades se reduzem a partir do momento em que adocece e se hospitaliza. O adolescente hospitalizado é um ser-no-mundo convivendo com a doença e devido à doença sente-se diferenciado como ente, segregado, excluído da sua possibilidade de ser-com-o-grupo-de-iguais.

Compreende-se que a realidade da doença faz com que o adolescente hospitalizado sinta-se diminuído como ser de possibilidades, pois encontra-se na facticidade do cotidiano da hospitalização.

O ser-no-mundo é o ser-em, o que está junto, no sentido de estar acostumado, habituado, familiarizado⁽⁹⁾.

O mundo do adolescente é aquele no qual ele se encontra como ente e onde se reconhece como ser, pre-sença, onde fenomenalmente se mostra. É o mundo familiar onde habita e encontra outros seres-aí e entes simplesmente dados que pertencem à sua familiaridade, sua casa o mundo de sua mundanidade, o seu mundo circundante, mais próximo e mais próprio. É o mundo da família, dos hábitos. É o seu espaço ôntico e ontológico.

Para o adolescente, o hospital é o mundo estranho, que foge à compreensão dos jovens. É o mundo da terminologia complexa, dos aparelhos, em que sofrem, compartilham a dor com os outros. É no hospital, também que o reconhecem e se reconhece como doente, no qual se sente preso à realidade da doença.

O adolescente hospitalizado sente-se só e desamparado, principalmente nos momentos de dor, comuns ao cotidiano hospitalar e quando não tem acompanhante, o jovem se defronta com a solidão. Mesmo o estar-só do adolescente é ser-com no mundo, pois "somente num ser-com e para um ser-com é que o outro não pode faltar. O ser-no-mundo revela que um sujeito não "é" e nunca é dado sem mundo, bem como não é dado um eu isolado dos outros⁽⁹⁾.

O adolescente é essencialmente ser-com, um ser que aprende e se revela no grupo de pares. Assim, mesmo quando hospitalizado, busca ser-com-os-outros. Em alguns momentos encontra o ser-com nos outros adolescentes, companheiros de internação que o compreendem enquanto semelhante no adoecimento, na convivência hospitalar. Algumas vezes encontra nos profissionais as pessoas que estão-com-ele, embora não supram as necessidades de ser-com, pois estão lidando com eles através do cuidado profissional. Mas, segundo Heidegger, esse ocupar-se é também preocupar-se, pois a ocupação com a alimentação e com o vestuário, ao tratar o corpo doente, é preocupação⁽⁹⁾.

O espaço da hospitalização aparece ainda como espaço de temor. O temível na hospitalização possui o caráter de ameaça, vindo ao encontro do adolescente dentro do seu mundo-vida, no modo conjuntural de dano, trazendo em si a determinação da doença e a possibilidade de morte.

A morte amedronta por desvelar o poder-não-estar-mais-presente, por representar um fechamento às inúmeras possibilidades de vir-a-ser do ser adolescente. O espaço hospitalar é espaço de temor pela contínua possibilidade de não-ser-mais, no qual a morte é presente como compreensão de finitude de vida.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inquietação para a realização deste estudo partiu de minha própria vivência quando adolescente, pois necessitei ser hospitalizada. Conhecendo o quanto a hospitalização é um processo significativo no viver do ser-humano-adolescente, questionamentos emergiram e foram as fontes iniciais dessa pesquisa.

Fui então tecendo uma contextualização que embasasse e fundamentasse as questões que tentava compreender. Ao tematizar questões e reflexões a cerca da adolescência, pude adentrar a atualidade e verificar o expressivo percentual de jovens que compõe a população brasileira. Estes jovens convivem com a aceleração do mundo, estão expostos às imagens da mídia e à pulverização das relações emocionais, seja no contexto familiar ou social. Em consequência, estão expostos à drogadicção, ao etilismo, à sexualidade sem compromisso, que conduzem ao dano à saúde.

Em minha prática profissional, recebo adolescentes para internação hospitalar com quadros oriundos de desdobramentos da violência, de acidentes automobilísticos e de condutas de risco, mas principalmente por patologias graves agudas e crônicas. Esta realidade deve ser ressaltada, justificando-se a criação de unidades de internação hospitalar exclusivas para a clientela adolescente. Pois o adolescente merece uma atenção especial no processo de hospitalização, um olhar voltado à sua singularidade, uma assistência pautada num referencial humanístico, como o que foi concebido por Paterson & Zderad⁽⁷⁾, o qual referencio neste estudo para respaldar o cuidar da equipe de enfermagem.

A utilização do referencial existencialista de Martin Heidegger, deu sustentação à busca do sentir do ser-adolescente vivenciando a cotidianidade da hospitalização. Compreendi que os adolescentes lançados no mundo da hospitalização representam a estranheza, o

ausentar-se do seu próprio mundo rompendo com seus hábitos, obrigando-os a abandonarem o seu espaço e seu cotidiano, a quebrar laços com seu mundo-vida e a conviver com a doença.

O ser-adolescente ao ser hospitalizado torna-se vulnerável, sentindo-se reduzido em seu mundo factual. Ao ouvir em suas falas o quanto é incisivo o temor pela morte, é que se alcança a compreensão de sua negação expressa pela resistência ao tratamento e em algumas vezes expressa por atos agressivos utilizados como mecanismos de defesa para encobrir o medo.

Apesar da realidade difícil de ser vivida, os adolescentes entendem que habitar o mundo hospitalar concorre para a sua saúde, assim, passam a valorizar a relação construída no ambiente hospitalar com profissionais e companheiros.

Por sua característica mais marcante de ser-com, torna-se solidário aos colegas de hospitalização e com eles se envolve, formando um novo círculo de amizades.

Experienciar o cuidado no seu sentido mais amplo e liderar a equipe de enfermagem da enfermaria do NESA, tem sido fundamental para aprofundar e refletir os questionamentos próprios da internação hospitalar do adolescente. Hoje, mais do que nunca, compreendo como é importante dar voz aos adolescentes hospitalizados e a seus familiares, ouvindo-os em suas expectativas, medos e desejos, para que a qualidade do cuidado não seja só avaliada pelo olhar técnico, mas essencialmente pelo cuidado humano.

REFERÊNCIAS

1. Franço LA, et al. Sexualidade e saúde reprodutiva na adolescência. São Paulo (SP): Atheneu; 2001.
2. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Departamento de População e Indicadores Sociais, Estatísticas no Registro Civil, Rio de Janeiro (RJ): IBGE; 2000.
3. Silva MSA. A pessoa enferma e a hospitalização. Rio de Janeiro (RJ): Ed. Anna Nery/UFRJ; 2001.
4. Petrone AER. A relação enfermagem-adolescente. In: Maakaroun MF, Souza PR. Tratado de adolescência - um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro (RJ): Cultura Médica; 1991. p. 22-5.
5. Armond LC. Buscando compreender o fenômeno da hospitalização para o adolescente [dissertação]. Belo Horizonte (MG): Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.
6. Patrício Z M. O cuidado com a qualidade de vida dos adolescentes: um movimento ético e estético de "Koans e Tricksters". In: Nitschke RG, et al, organizadores. Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília (DF): ABEn/ Governo Federal; 2000. p. 121-43.
7. Paterson J, Zderad L. Humanistic nursing. New York (NY): Springer; 1976.
8. Simões SMF. O ser parturiente: um enfoque vivencial. Rio de Janeiro (RJ): EDUFF; 1998.
9. Heidegger M. Ser e tempo. 12ª ed. Vol. I. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002.
10. Capalbo C. Considerações sobre o Método Fenomenológico e a enfermagem. Rev Enferm UERJ 1994 out; 2(2): 192-7.
11. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos: resolução nº 196/96. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 1996.

Data do recebimento: 30/08/2004

Data da aprovação: 30/04/2005